

SOBRE O LOCAL E SOBRE O LUGAR DO LEITOR DE NARRATIVA DE FICÇÃO LITERÁRIA

Danilo de Oliveira Nascimento¹

Resumo: O presente artigo problematiza a noção e a imagem de lugar enquanto circunscrição a partir da qual se institui e se constitui o estreitamento entre o local do leitor empírico e a ambiência da semiose e da exegese da narração de ficção literária. Para tanto, aproximamo-nos da noção de lugarização como fenômeno de projeção de lugar, que nos permite aplicar certas analogias espaciais, visando ao entendimento da dinâmica de conexão e de desconexão do local efetivo da leitura literária com respeito ao lugar de significação. O desenvolvimento da tese da lugarização traz à tona o processo de ajustamento e de alinhamento terminológico, tendo em vista a projeção do lugar epistêmico a partir do qual se faz possível afirmar a noção de lugar enquanto circunscrição caracterizada por intermédio da interação metodológica e crítica entre a geografia humanista de Yi-Fu Tuan, a narratologia de Paul Ricoeur e a estética da recepção de Wolfgang Iser e de Umberto Eco.

Palavras-chave: Narrativa literária; local; lugar; interpretação literária.

ON THE LOCATION AND PLACE OF THE READER OF LITERARY FICTION

Abstract: This article problematizes the notion and image of place as a circumscription from which the narrowing between the place of the empirical reader and the ambience of semiosis and exegesis of literary fiction narration is established and constituted. To this end, we approach the notion of placeization as a phenomenon of place projection, which allows us to apply certain spatial analogies aiming to understand the dynamics of connection and disconnection of the effective place of literary reading with respect to the place of meaning. The development of the placeization thesis brings to light the process of adjustment and terminological alignment aiming at the projection of the epistemic place from which it becomes possible to affirm the notion of place as a circumscription characterized through the methodological and critical interaction between the humanist geography of Yi-Fu Tuan, the narratology of Paul Ricoeur and the aesthetics of reception by Wolfgang Iser and Umberto Eco.

Keywords: literary narrative; local; place; literary interpretation.

¹ Danilo de Oliveira Nascimento é graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor e mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é Professor Associado de Estudos Literários e Literatura Brasileira na Universidade Federal de Rondonópolis.

Introdução

Qual o lugar efetivo do leitor empírico quando se trata da semiose e da exegese da interpretação literária? Essa é a questão central que norteia o desenvolvimento da tese de que o ato da interpretação literária delimita, fundamentalmente, dois espaços. Um, o local do leitor empírico, circunscrição rotulada de contexto de leitura; e outro, o lugar a partir do qual se constitui aquilo que denominamos de ambiência da fruição, da semiose e da exegese.

Destaca-se que o interesse por tratar do local do leitor empírico esclarece a constatação da impossibilidade ontológica de que este interfira no universo diegético, tanto no que diz respeito a sua estrutura, quanto no que se refere ao discurso que o institui e o constitui. Esse esclarecimento se desdobra em outra constatação, aquela que reafirma a existência de dois mundos, o do leitor empírico e o da obra literária, talvez similares, simétricos e/ou simultâneos ou, ao contrário, distantes em vários sentidos, níveis e natureza.

Assim, a percepção da existência de dois mundos permite também a concepção de que a coexistência entre eles só se faz possível mediante a projeção do alhures ou do algures. Para a compreensão dessas denominações específicas de lugar, consideramos importante a apropriação do sentido e da função do neologismo lugarização², cujo propósito foi mostrar a necessidade de o leitor projetar o chamado lugar epistêmico a partir do qual e no qual se faz possível identificar e estabelecer pontos de contato entre os dois mundos.

Nessa perspectiva, é no lugar epistêmico e a partir dele que podemos reconhecer outros nomes para o alhures, tais como ponto de vista, perspectiva, construto e/ou ainda entrelugar. Outrossim, lugar epistêmico é circunscrição na qual o leitor empírico usufrui do sentimento de (des) pertença metodológica, crítica e ideológica mediante a sua transfiguração em leitor ideal, leitor modelo e/ou leitor virtual, transfiguração que dinamiza, especificamente, a ambiência da semiose e da exegese cujo resultado, o texto crítico, nada mais é do que um outro lugar (alhures) do texto literário.

² Lugarização não se trata de conceito formalizado por um único teórico, pelo contrário, o termo se conecta a reflexões importantes sobre espaço, lugar e local sob a perspectiva da filosofia da percepção, da filosofia do espaço e da geografia humanista.

1. Pressupostos teóricos: o lugar do leitor se faz a partir do local do leitor

Em Repertório, especificamente no capítulo O espaço no romance, Michel Butor (1974) busca precisar como o mundo romanesco se abre diante dos olhos do leitor e se insere no espaço real onde decorre a leitura. Para entendermos tal precisão, o autor faz referência à suspensão do tempo habitual da leitura a partir da qual as relações espaciais atingem o leitor por intermédio da distância que o cerca.

A perspicácia de Michel Butor ao destacar a expressão tempo habitual de leitura visando à compreensão dos efeitos de leitura, tanto sobre a realidade do leitor quanto sobre o universo diegético, permite que se considere que tal entendimento não se restrinja apenas a fatores temporais, mas também à compreensão de fatores espaciais. Nesse sentido, parece-nos convenientemente adequado criar, para os fins aos quais nos propomos, a expressão local habitual de leitura em analogia, evidentemente, a tempo habitual de leitura.

Nesse contexto, para entendermos a expressão local habitual de leitura, a sua função e a sua finalidade de uso, torna-se pertinente discorrermos sobre o conceito de local a partir da perspectiva da fenomenologia da percepção e da geografia humanista.

Inicialmente, o termo local decodifica a estesia e a noção de estacionamento, de fixação, assim como de circunscrição para a qual e na qual convergem certos fenômenos, eventos, coisas e seres, ou seja, local é, segundo Eguimar Felício Chaveiros (2014), uma referência pontual cartográfica. Nesse sentido, não é à toa que na comunicação cotidiana utilizamos as expressões local de encontro, ponto de encontro, ponto de referência ou simplesmente referência, que substituem uma à outra sem que haja qualquer compreensão equivocada.

Via de regra, a noção de local traduz aquele sentido convencional de circunscrição enquanto recorte espaciotemporal onde seres, coisas e fenômenos se estacionam e se fixam e por isso mesmo podem ser (re) conhecidos, denominados, caracterizados, classificados e rotulados porque estacionados e fixados, assim como permitem que certa circunscrição seja (re) conhecida, denominada, caracterizada, classificada e rotulada de local porque seres, coisas e fenômenos estão ali estacionados e fixados. Além de convencionalmente o termo local decodificar as noções de estacionamento e de fixação, o termo pode, segundo compreensão de Michel de Certeau (2014) e ser caracterizado e constituído a partir da reprodução potencializada de certa rotina, de certos roteiros e

scripts, de certos hábitos e de certos comportamentos performatizados e/ou estereotipados.

Há de se destacar que, sob certa perspectiva, local é circunscrição de condicionamentos de diversos tipos e natureza, assim, a expressão local habitual nada mais é do que redundância, uma vez que todo local o é porque habitual e todo hábito o é porque localizado, ou seja, existe certa relação intrínseca entre os termos local e hábito ao ponto de afirmarmos que o hábito faz o local e este esclarece aquele e é nesse sentido que podemos afirmar que hábito é apanágio de local.

A correlação estruturante entre local e hábito, no entanto, só se faz possível quando aproximamos a palavra hábito da etimologia *habitus*, que significa “modo de ser tal como é manifestado em um ou em vários costumes” (Ferrater, 2005, p. 1268). A aproximação com a palavra *habitus* se afirma, portanto, conveniente para o propósito da discussão sobre o entendimento da palavra local. Sob essa perspectiva, o hábito se “adquire por meio de treinamento ou execução repetida de certos atos”, também “é o modo como a vontade realiza suas intenções” (Ferrater, 2005, p. 1269-1270).

Ao considerarmos que a palavra hábito nos remete às palavras corpo e ação, três referências parecem apropriadas de serem citadas aqui, a de Merleau-Ponty (2015), a de Lúcia Santaella (2019) e a de Umberto Eco (2019). Para Merleau-Ponty, o hábito reside no corpo como mediador de um mundo, ele exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo, assim, o hábito convida-nos a remanejar nossa noção de compreender, no sentido de “experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação” (2015, p. 199-201).

A partir da análise dos conceitos da semiótica de Charles Sanders Peirce (1839-1914), Lúcia Santaella (2019), em *Matrizes da Linguagem e pensamento sonora visual verbal* traça comentários sobre as concepções do filósofo americano sobre o hábito. Ainda que a autora informe que o conceito de hábito para Peirce seja muito geral e abstrato, ela ressalta alguns elementos que nos parece apropriado serem destacados aqui. Para o semioticista americano, hábito se trata de fenômeno inato à natureza humana, conceito psicológico que se corporifica na mente humana e muitas vezes compreendido como lei:

Hábitos são ações que tendem a se repetir de acordo com padrões uniformes, sob condições específicas. Nesse nível de generalidade, o hábito é um sinônimo de lei adquirida ou natural. Quando ela é adquirida por um pacto coletivo, o hábito é convencional (Santaella, 2019, p. 265).

Também sob a influência de Charles Sanders Peirce (1839-1914), Umberto Eco, na sua obra *Lector in Fabula* (2019), retoma do semiótico norte-americano a noção de hábito como “regularidade de comportamento no intérprete”, como “tendência a agir de maneira semelhante em circunstâncias semelhantes no futuro” (2019, p. 26). Além disso, Eco ressalta que o sentido de hábito não se restringe a uma concepção psicológica, o hábito deve também ser entendido como fenômeno cosmológico, ou seja, reproduzimos certas categorias de hábitos porque estamos inseridos em ambiência de certas categorias de hábitos:

A categoria de ‘hábito’ tem um duplo sentido: psicológico e cosmológico. Hábito é também uma regularidade cosmológica, também as leis naturais são o resultado de hábitos adquiridos (...) e ‘todas as coisas têm tendências a assumir hábitos (...) assumir um hábito é estabelecer um modo de ser ordenado e regulado’ (Eco, 2019, p. 27).

Assim sendo, se local decodifica condicionamento decorrente de hábitos, da sujeição a rotinas e *scripts* e da reprodução de comportamentos performatizados e estereotipados, enfim, eventos habituais que embotam a mente (Yi-Fu Tuan, 2013), então, podemos, em princípio, sob a regra do contrário, considerar lugar como circunscrição que se projeta e se estrutura a partir da dinâmica do descondicionamento, e, portanto, de outras possibilidades de ser, estar, perceber, sentir, entre outras. Nesse sentido, é no lugar e a partir dele que decorre a desintegração dos hábitos “que se revelam os fios que tecem a fabricação de nossas experiências” (Santaella, 2012, p. 30).

Essa dinâmica traduz o que podemos denominar de desdobramento locativo no sentido de que no e a partir do local começam-se a gerir as dissociações e as associações, as rupturas e as conexões entre fatores aspectos, elementos habituais, pouco ou nada habituais: “O apanágio da experiência literária é ser um deslocamento, um exercício de alienação, uma perturbação de nossos pensamentos, de nossas percepções de nossas expressões habituais” (Riffattere, 1989, p. 04). Assim:

Esse outro lugar só me interessa, só pode instalar-se na medida em que este onde me encontro não me satisfaz. Aqui eu me aborreço, e é a leitura que me permite não sair dele em carne e osso. O lugar romanesco é pois uma particularização de um “alhares” complementar ao lugar real onde ele é evocado (Butor, 1974, p. 40).

Nessa perspectiva, a reflexão de Michel Butor sobre outro lugar a partir do tempo habitual de leitura apresenta-se como espécie de solução apenas do ponto de vista do discurso e da possibilidade de projeção imagética e isso porque existe certa dificuldade do ponto de vista da experiência, assim como da terminologia e da epistemologia de distinguir local de lugar.

A dificuldade de dissociação da experiência de lugar da experiência de local permite a replicação do uso sinonímico das palavras local e lugar no que se refere aos conceitos dicionarizados das duas palavras. Dessarte, como já destacara Umberto Eco (2018, p. 30) em *Interpretação e história*, uma maneira de entender os conceitos filosóficos é voltar ao senso comum dos dicionários. A consulta a alguns dicionários de língua portuguesa confirma que a etimologia das palavras lugar e local é a mesma: *locale* ou *locali* (latim). Essa constatação se reafirma quando consideramos que na transcrição do significado de lugar e de local, e suas variantes, localidade e localização, ressalta-se uma como elemento que se apresenta na definição da outra, ou seja, é recorrente a aparição da palavra local na definição de lugar e de lugar na de local.

Também há de se notar que nos dicionários consultados (Aurélio, Houaiss, Michaelis), verificamos que é recorrente a definição de lugar como qualquer local e a de local como qualquer lugar. Além disso, com respeito especificamente à definição de lugar é frequente a aparição dos substantivos posição, ocupação e preenchimento e ainda aqueles que destacam o significado de lugar como sentido ou direção a seguir, orientação ou rumo. Diante dessas considerações, é possível perceber que a dificuldade de distinção do significado das palavras tanto na comunicação do cotidiano quanto em dicionários de língua portuguesa dá margem à percepção da flutuação terminológica do termo em determinadas áreas de conhecimento, tais como a filosofia e a geografia.

Para alguns geógrafos, a palavra lugar se trata de conceito marginal, associado ao conceito de locação (Werther Holzer, 2012); conceito evasivo (Edward Relph, 2012); conceito mutável (Vicent Bordoulay, 2012) e por isso “preche de simbolismo, de representatividade, de uma intencionalidade destinados a impor a ideia de um conteúdo e de um valor (...) Seu significado é deformado pela sua aparência” (Santos, 2012, p. 158).

A aproximação com a fenomenologia da percepção – e com uma das suas vertentes, a fenomenologia do espaço, parece resolver, em parte, a problemática em torno da definição do conceito de lugar a partir da ênfase ao corpo, à corporeidade e às

experiências corporais relacionadas às experiências temporais e espaciais, também das experiências de habitação e de localização do ser e do estar no mundo. Assim, “o lugar se define tanto pela existência corpórea quanto pela existência relacional” (Santos, 2020, p. 257). Dessarte, não é à toa que ao denominar lugar de fenômeno empírico, em vez de reafirmá-lo “objeto espacial” a geografia passe a considerá-lo como questão ontológica e, por isso, “essência da experiência geográfica” (Lacey, 1972, p. 20).

A ênfase sobre a experiência espacial correlacionada à existência humana também esclarece as explicações de Yi-Fu Tuan, um dos principais geógrafos humanistas, sobre espaço e lugar em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, de 2013, e *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, de 2012. Nessas obras, o leitor pode se frustrar ao tentar encontrar capítulo específico sobre definição de lugar, no entanto, o autor, ao dissertar sobre as experiências espaciais visando, portanto, à compreensão dos conceitos espaciais, vai aos poucos destacando, em vários momentos dos livros, aquilo que denominamos de lampejos conceituais sobre lugar, como: lugar é centro de valor, é pausa no movimento, tipo de objeto estável que capta nossa atenção, espaço definido, fechado e humanizado; circunscrição da intimidade e da dramatização, concreção de valor, criação deliberada para satisfazer necessidades práticas, ponto de interesse do olhar e ponto de significação, veículo de acontecimentos emocionalmente fortes, núcleo comum de significado, objetivo no futuro, um devir; símbolo de casa e de lar e ainda personalidade geométrica.

Ressaltamos que esses lampejos conceituais a respeito de lugar decorrem da problematização em torno de aspectos e de fatores decorrentes das experiências corporais, sensoriais e existenciais sobre os conhecimentos e as habilidades espaciais.

2. Lugarização, lugar e interpretação literária

A compreensão da imagem embrionária de lugar corrobora a dinâmica do desdobramento locativo e imagético quando se considera que a partir do local se institui a chamada lugarização. Nesse sentido, a lugarização é fenômeno que engloba simultaneamente a alienação do local e a transcendência para o alhures, dinâmica que compreende aquele problema hermenêutico entre a escrita e a leitura, a partir do qual decorre a dialética da apropriação e do distanciamento:

A distância não é, pois, simplesmente um facto, um dado, o efectivo hiato espacial e temporal entre nós e o aparecimento de tal e tal obra de arte ou discurso. É um traço dialéctico, o princípio de uma luta entre a alteridade, que transforma toda a distância espacial e temporal em alienação cultural, e a ipseidade, pela qual toda a compreensão visa a extensão da autocompreensão. A distanciação não é um fenómeno quantitativo; é a contrapartida dinâmica da nossa necessidade, do nosso interesse e esforço em superar a alienação cultural. Escrever e ler toma lugar nesta luta cultural. A leitura é o *pharmakon*, o “remédio” pelo qual a significação do texto é “resgatada” do estranhamento da distanciação e posta numa nova proximidade, proximidade que suprime e preserva a distância cultural e inclui a alteridade na ipseidade (Ricoeur, 2019, p. 64).

Considerando que a palavra é caminho para a transcendência, e o livro, libertação concreta a partir de uma alienação particular (Sartre, 1993, p. 58), é preciso chamar a atenção para a episteme de que lugarização é termo inspirado em discussões sob a experiência espacial a partir da perspectiva da geografia humanista, assim, sua readequação terminológica, para fins de análise e interpretação do discurso narrativo literário, pretende problematizar os modos de aproximação e/ou do distanciamento do leitor empírico do texto literário, das suas representações e dos seus efeitos espaciais, de espacialização e/ou de espacialidade.

Como se pode inferir, lugarização se trata da aglutinação dos substantivos lugar e ação, especificamente da junção do substantivo lugar e do sufixo “*ização*”. Nesse caso, tais palavras traduzem, em princípio, a intenção de denominar certo fenómeno para o qual não se encontra ainda no dicionário de língua portuguesa palavra correspondente ou, se se apresenta, ela não traduz de maneira clara certa intenção e certa função semiológica. Para além da denominação, a aglutinação traz em seu bojo o processo de (re) ajustamento e (re) adequação conceitual, assim, a adoção de uma certa “definição satisfatória” implica a apresentação de certo “pacote de instruções” (Eco, 2019, p. 47).

O neologismo lugarização exemplifica a flutuação terminológica que gira em torno do termo lugar e tal exemplificação parece justificar a posição de Yi-Fu Tuan (2013, p. 167) de que é “possível descrever o lugar sem introduzir explicitamente conceitos espaciais”, também a de Milton Santos quando afirma que “as definições podem ser limitantes e elas podem adquirir nuances diferentes a depender do contexto de uso” (2020, p. 69), o que o orienta, conforme ainda afirma Milton Santos, a qualificação do vocábulo

no interior do sistema de ideias do autor. Em outro momento, o mesmo geógrafo apresenta certa compreensão que nos parece pertinente transcrever:

Os conceitos não passam de instrumentos para a organização e para a comunicação da experiência. Fenomenologicamente falando, os conceitos são pontos de vista (...) Sob os quais a experiência aparece e se organiza em classes, que formalmente podem ser entendidas como feixes de condições para a classificação dos fenômenos singulares (...) (Santos, 2020, p. 154)

De qualquer forma, ainda que se corra o risco de se limitarem a análise e a interpretação de determinado fenômeno a partir da adoção estrita de certos conceitos, esta explicita certa direção epistemológica e metodológica, uma vez que, segundo Lacey Hugh (1972), os conceitos são caracterizados, de maneira precisa, por uma teoria e, assim, traduzem certo compromisso ontológico.

Nesse cenário, ao considerarmos que “todo texto literário oferece determinados papéis a seus possíveis receptores (Iser, 1996, p. 73), passamos a entender que em se tratando de topoanálise, lugarização decodifica o processo de projeção e de consubstanciação do lugar da semiose e/ou da exegese, assim como também da projeção de certas categorias metodológicas de leitores, tais como leitor-modelo, leitor ideal e leitor virtual, que “são normalmente construções que servem para a formulação de metas de conhecimento” (Iser, 1996, p. 63). Outrossim: O texto constrói um certo ethos desse leitor, reserva-lhe diversos traços, em função de sua enunciação. O lugar do leitor não é uma caixa sem nenhuma especificação: o texto supõe estas ou aquelas características naquele que o lê (Mainguenau, 2011, p. 93).

Nesse contexto, faz-se necessário ressaltar a relação diádica entre circunscrição da semiose e da exegese e tais categorias de leitores, uma vez que a projeção e a consubstanciação dessa circunscrição decorrem diretamente do desdobramento funcional do leitor empírico naquelas categorias metodológicas de leitores. Sabemos que todas essas categorias visam à constituição e à atualização do sentido do texto literário a partir da recepção do texto literário e da sua significação, considerando esta como “produto de efeitos experimentados” e “produtos de efeitos atualizados” (Iser, 1996, p. 54).

A lugarização é fenômeno fundamental para a conexão entre o leitor empírico e a obra literária e é a partir dele que se estabelecem as conexões necessárias entre o repertório do leitor empírico, o repertório da obra literária e seus possíveis

desdobramentos. Outrossim, a relação dinâmica entre leitor empírico e obra literária torna evidente, também, que o lugar do leitor nada mais é do que ambiência virtual e fenomenológica para a configuração das imagens de leitura e para o sentido daquilo que se lê. Nesse contexto, a consciência se constitui de imagem e de sentido e, por isso, se autoafirma lugar porque permite percepção delimitada tanto da imagem – e das imagens – quanto do sentido e dos significados.

Assim sendo, quando relacionamos a topoanálise dos mais diversos estratos da obra literária à lugarização, faz sentido que haja certo ajuste terminológico, no caso, o uso do verbo lugarizar-se, outro neologismo. Dessarte, a referência a esse verbo esclarece, com certa especificidade, a dinâmica de espacialização do leitor empírico visando à ambiência da significação, a qual esclarece a relação estrita e intrínseca entre lugar e sentido, e mais ainda, a constatação epistemológica de que lugar é sentido e sentido é lugar. Nessa linha de raciocínio, compreender e significar a obra literária é lugarizar-se e a adoção de tal termo “encerra virtualmente todos os seus possíveis desenvolvimento (ou expansões) textuais (Eco, 2010, p. 18).

Em princípio, lugarizar-se é instituir circunscrição epistemológica onde o leitor empírico possa interagir contiguamente com a obra literária no que diz respeito as suas mais diversas camadas constitutivas, uma vez que “a obra de arte pode e deve ser lida em vários níveis (...) Ora, cada um desses planos constitui também em lugar possível de manifestação do ponto de vista, um espaço para possibilidade de composição entre pontos de vista” (Ricoeur, 2019, p. 163). É nesse lugar que o leitor se interioriza na obra literária a partir da sua interpretação, onde se torna “ponto perspectivo” (Iser, 1999, p. 12) quando se tem a sensação de que se move dentro da obra literária tornando-se, dessa forma, “ponto de vista em movimento”, “lugar exato onde a estrutura do texto se desdobra na atividade constitutiva” (Iser, 1999, p. 24), em suma, “um lugar num dispositivo, uma posição de leitura à qual o texto associa diversas características” (Maingueneau, 2011, p. 88).

A circunscrição onde se institui e constitui a semiose e exegese da obra literária também pode ser compreendida como entrelugar, sobretudo quando reconhecemos o caráter virtual da obra literária, o que implica reiterar que, exatamente por isso mesmo, ela “não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às disposições caracterizadoras do leitor (Iser, 1996, p. 50).

Sendo entrelugar, portanto, o leitor empírico fica suspenso entre dois mundo e é exatamente essa suspensão que o retira da condição de mero espectador ou observador para a de sujeito que estabelece o processo de fruição, simulação espacial, semiose e/ou exegese ao mesmo tempo que se torna elemento discursivo presente e decisivo em tais processos.

Tendo em conta a perspectiva epistemológica de Wolfgang Iser (1996) de que a obra literária possui caráter virtual, de que ela se constitui na consciência imaginativa do leitor e que, portanto, nele se atualiza, poderíamos ir mais além ao afirmar que, não existindo factualmente, esse lugar se trata de figuração mental, uma espécie de constructo importante para instituir as mais diversas vias de contato com a obra literária, podendo ser a via da fruição, da semiose e/ou da exegese. Sendo a circunscrição constituinte das possibilidades de experiências e experimentais da obra literária, esse lugar é a circunscrição original e primordial da ambiência teórica, crítica e metodológica na qual se plasma determinado sistema de interpretação de fenômenos.

Consideramos, enfim, essa circunscrição de lugar epistêmico, uma vez que se estrutura a partir de certos alinhamentos e/ou ajustamentos das mais diversas ordens: científica, filosófica, estética, ética, cultural, visando à compreensão e à significação de fenômenos. Assim, é a partir do lugar epistêmico que passamos a considerar os diversos tipos, níveis, instâncias e naturezas do estudo da obra literária, sendo cada uma delas, a propósito, lugar. Tais como lugar da enunciação, enunciação do lugar e/ou enunciação como lugar; lugar da representação, representação do lugar e/ou representação como lugar; lugar do enunciado, enunciado do lugar e/ou enunciado como lugar; lugar do representado, lugar representado e/ou representado como lugar; a exegese do lugar, lugar da exegese e/ou exegese como lugar.

As variáveis sintagmáticas, a priori, permitem-nos perceber que o estudo de lugar em narrativas de ficção literária se estende para além da relação posicional e locativa estrita entre sujeito (leitor, intérprete, figuras ficcionais) e circunscrição ficcional. Elas destacam o sentido e a função do lugar como “um horizonte de outros lugares, o ponto de origem de uma série de percursos possíveis (Butor, 1974, p. 45) ou plano para a manifestação do ponto de vista. De qualquer forma, a adoção de certa perspectiva de estudo sinaliza-se lugar e, também, sinaliza a pré-configuração da imagem, sentido e função do alhures e/ou do algures.

Presumindo-se o texto enquanto “sistema perspectivo” (Iser, 1999, p. 179) no qual o sistema de relações internas “atualiza certas ligações possíveis e narcotiza outras” (Eco, 2019, p. 81), passamos a entender que o lugar epistêmico projeta outros lugares ora através da dinâmica da aproximação e do distanciamento das mais diversas intenções, naturezas e fins, ora da intercalação e da perpassagem de aspectos, elementos e fatores característicos de um e de outro lugar. Nesse sentido, a lugarização se trata de processo de conexões vinculativas entre e a partir de instâncias. Essas conexões podem parear e/ou sincronizar instâncias simétricas e similares ou apenas estabelecer pontos de contatos, especialmente quando se trata de instâncias assimétricas e dissimilares, mesmo porque a lugarização nem sempre visa à replicação de instâncias e de circunscrições, mas com certeza à estruturação do alhures (ou do algures).

O lugar epistêmico é circunscrição plasmada a partir da dinâmica epistemológica na qual a exegese do texto se torna o núcleo ou a base espacializada e de espacialização, seja aquela referente às representações propriamente ditas dos espaços do universo diegético, seja aquela relativa a determinado modelo de topoanálise. Esse raciocínio nos reenvia àquela compreensão que imediatamente consideramos óbvia, a de que, sendo o livro suporte do texto, este é lugar no qual procedem os estímulos e as simulações espaciais, a formação do imaginário espacial, a semiose e a exegese do espaço. Outrossim, tal obviedade no reenvia à compreensão que de fato interessa, a de que, o texto sendo máquina de pressuposições, conforme observação de Umberto Eco, constitui-se lugar a partir das atividades de pressuposições interpretativas.

Nesse contexto, sob a dinâmica da *intentio operis* (Umberto Eco), é possível instituir certa analogia espacial entre lugarização e a leitura propriamente dita do texto literário. A partir de tal leitura, notamos a conexão entre a noção de lugar enquanto devir, segundo Yi-Fu Tuan, 2013 e a concepção de leitura enquanto uma previsão, uma espera, segundo Jean Paul Sartre, 1993. A conexão entre a concepção dos dois pensadores reitera a noção do lugar enquanto fenômeno espaciotemporal, e a leitura, dinâmica cinestésica cujo objeto de busca, o lugar, nada mais é do que síntese de vários aspectos, fatores e elementos tanto de natureza estritamente textual quanto extratextual.

A analogia espacial torna possível vislumbrar a leitura como lugar de espera e de previsão, imagem que pretende decodificar aquela relação entre ponto de vista e perspectiva, sendo o primeiro, conforme Paul Ricoeur (2019, p. 166), lugar de origem,

orientação, ângulo de abertura de uma fonte de luz, e a segunda, horizonte a partir do qual (e no qual) se pode contemplar uma centena de ambiências semióticas e exegéticas.

Assim, a relação estrita entre ponto de vista e perspectiva é fundamental para instituir a aproximação entre a realidade do leitor empírico, o discurso narrativo e/o universo ficcional. Cada uma dessas aproximações dicotômicas nos conduz a percepções distintas tanto sobre o texto literário quanto com respeito aos efeitos de leitura do texto literário. “A questão que se coloca é (...) uma questão de método, isto é, da construção de um sistema intelectual que permite, analiticamente, abordar uma realidade, a partir de um ponto de vista. Este não é um dado em si, um dado a priori, mas uma construção” (Santos, 2020, p. 77). Resta claro, portanto, que a relação estreita entre ponto de vista e perspectiva é a peça-chave para compreendermos a atualização do texto como, enfim, lugar, de manifestação e estruturação da dinâmica de pertença epistemológica, metodológica, crítica e/ou ideológica.

Em princípio, o ponto de vista decodifica a noção de lugar a partir do qual passamos a experimentar certas e outras realidades, no entanto, a experimentação do texto literário, “produto perspectivo” por natureza (Iser, 1979, p. 108) determina a escolha do ponto de vista, fenômeno, dessa maneira, móvel e ajustável e é essa compreensão que nos permite depreender que somos “pontos de vista movendo-nos por dentro do que devemos apreender” (Iser, 1999, p. 12). Se o ponto de vista traduz impressão de fixação ou de fixidez, a perspectiva, pelo contrário, exprime a impressão de mobilidade, desdobramento e temporalidade. Nesse sentido, podemos em princípio correlacionar ponto de vista a local e perspectiva a lugar e se assim o fazemos e aceitamos, entendemos a resistência da geografia em considerar lugar como objeto de estudo, uma vez tratar-se de fenômeno em contínua refiguração a depender de uma série de fatores e das relações e conexões dinâmicas entre eles.

O estudo de lugar implica reconhecê-lo como síntese da sua compreensão enquanto fenômeno que se constitui da relação aproximada entre imagem e sentido e da dinâmica intrínseca entre ponto de vista e perspectiva. Dessarte, lugar é uma imagem perspectivizada a partir de um ponto de vista, o sentido está (a) firmado neste ponto de vista e, também, se desdobra na extensão temporal da leitura do texto. Esse entendimento corrobora a noção e a imagem do lugar como devir, uma vez que se projeta continuamente a partir de dinâmica de figuração, configuração e refiguração. Nesse contexto, não é

possível pensar lugar sem o considerar também como fenômeno cinestésico de ajustamento, de alinhamento sígnico e semântico, assim como também de (des) pertença ontológica.

Paradoxal e ironicamente a própria dinâmica cinestésica que se institui na relação entre ponto de vista e perspectiva prospecta lugar como pausa do movimento e esta pausa “permite que uma localidade se torne centro de reconhecido valor” (Tuan, 2013, p. 169). Em analogia a essa percepção do geógrafo chinês, conectamos tal noção de lugar àquela de pausa textual, momento no qual o leitor passa a tematizar ou a dinamizar as representações. De outro modo, temas e representações podem ser compreendidos, conforme sistema epistemológico de Yi-Fu Tuan, de objetos estáveis que captam nossa atenção, e assim sendo, consideramos tais objetos estáveis de lugares.

Para a estética da recepção, a parada é o vazio, e este, espécie de não circunscrição no qual o leitor empírico pode interferir em diversos níveis e camadas do texto e a partir dessa interferência instituir e constituir o lugar-imagem e/ou o lugar-sentido. Assim, o vazio pode ser considerado como não instância de estímulo da atividade gerativa e projetiva do leitor empírico, ou seja, da sua participação cocriadora.

Na verdade, Wolfgang Iser, um dos principais teóricos da estética da recepção faz uso recorrente, no segundo volume de *O ato da leitura*, do termo inglês *blank* e da expressão lugar vazio, o que de algum modo se contrapõe a noção de que lugar não pode ser vazio, uma vez que a interferência ontológica e significativa sobre determinada circunscrição já a ascende à categoria de lugar. De qualquer forma, é nesse lugar que a presença do leitor se manifesta através da sua intervenção interpretativa ou (co) criativa, ou seja, é no lugar vazio que o leitor pode se representar no sistema do texto, e assim, construir o objeto estético.

Segundo Wolfgang Iser (1999), o lugar vazio não deve ser entendido como mera circunscrição textual para o preenchimento de sentido e de projeção de imagens, pelo contrário, o vazio funciona como circunscrição de conexões potenciais na qual fluem as instruções de sentido e na qual as combinações de perspectivas textuais podem dinamizar as projeções de imagem. Outrossim, o lugar vazio é abertura de rede relacional que induz o leitor a agir no texto através da interação e, também, da comunicação entre os repertórios do texto e os do leitor.

3. Conclusão

A suposta conclusão da trajetória de problematização sobre a questão inicial deste artigo permanece apenas na instância da suposição. A conclusão poderia pressupor, em se tratando do tema do artigo, de que enfim chegamos a algum lugar, o vislumbrado devir, no entanto, ironicamente, apenas chegamos ao local, circunscrição na qual concepções fluidas, dispersas e/ou difusas sobre lugar passam a se conectarem, interagirem e, por fim, configurarem e solidificarem a imagem e o sentido de lugar. Dessarte, a compressão a respeito de lugarização e, especificamente, de lugar apenas decodifica a adoção deliberada de certo viés epistemológico, também de certo alinhamento e ajustamento à determinada perspectiva metodológica, teórica e/ou crítica.

Nesse contexto, a adoção de determinada perspectiva e o processo de alinhamento e de ajustamento à determinada corrente metodológica, teórica e crítica decodificam a imagem e o sentido de lugar da interpretação literária como ambiência da semiose ou da exegese. Podemos ir mais além, o vislumbrado devir, e, a partir da aceitação dos neologismos lugarização e lugarizar-se, criar outros neologismos que poderíamos reconhecer a ambiência exegetica, que nos proporcionaria a compreensão de que certo significado da obra literária decorre em circunscrição onde se ramificam um sem-número de possibilidades interpretativas, dinâmica que denominamos de desdobramento locativo e imagético.

4. Referências

- BERDOULAY, V.; ENTRIKIN, N. Lugar e sujeito: perspectivas teóricas. Tradução Oswaldo Bueno Amorim Filho. In: MARANDOLA, E. (org.). **Qual o espaço do lugar?** 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BUTOR, M. **Repertório**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHAVEIRO, E. F. Corporeidade e lugar: elos de produção da existência. In: MARANDOLA, E. (org.). **Qual o espaço do lugar?** 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ECO, U. **Obra aberta**. 9. ed. Tradução Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. Interpretação e história. In: ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

_____. **Os limites da interpretação**. Tradução Pérola de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOLZER, W. O mundo e o lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E. (org.). **Qual o espaço do lugar?** 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Tradução Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

_____. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 1.

_____. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução Johannes Kretschmer. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. v. 2.

LACEY, H. M. **A linguagem do espaço e do tempo**. Tradução Marcos Barbosa de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de linguística para o texto literário**. Tradução Maria Augusta Bastos de Mattos. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. Vários tradutores. São Paulo: Edições Loyola, 2005. Tomo II.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. Tradução Eduardo Marandola Jr. In: MARANDOLA JR., E. (org.). **Qual o espaço do lugar?** 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RICOEUR, P. **Tempo e a narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica**. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

_____. **Tempo e a narrativa 2: a intriga e a narrativa histórica**. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

_____. **Tempo e a narrativa 3: o tempo narrado**. Tradução Cláudia Berliner. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

RIFFATERRE, M. **A produção do texto**. Tradução Eliane Fittipaldi Pereira Lima de Paiva. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal**. São Paulo: Iluminuras, 2019.

_____. **Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica.** São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. **A natureza do espaço.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2020.

_____. **Espaço e método.** 5. ed. São Paulo: Edusp, 2020.

SARTRE, J. **O que é literatura?** Tradução Carlos Felipe Moisés. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.